

O SIGNIFICADO DO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL PARA ADOLESCENTES EM ATENDIMENTO NO CONTRATURNO ESCOLAR

Caroline Gandolfi¹

Henri Luiz Fuchs²

RESUMO

A educação não formal acontece em espaços como projetos sociais, instituições, grupos e outros que designam campo próprio de atuação e reflexão. É um tema em ascensão e de atuação na Pedagogia, que busca a formação integral para a vida em coletividade. O presente trabalho tem por objetivo compreender a importância e o significado de um espaço de educação não formal na formação dos adolescentes participantes, os quais frequentam o projeto em seu último ano. Tendo como foco da pesquisa, identificar e compreender o significado do Centro Educativo Crescer para os adolescentes, assim como, a contribuição deste espaço na formação de cada um além de investigar a relevância dos educadores no desenvolvimento individual. A metodologia de pesquisa adotada foi a de grupo de foco, realizado com cinco participantes do Centro Educativo Crescer. Os dados foram analisados qualitativamente, considerando as reflexões de autores como Gohn (2014), Simson et al (2001) e Libâneo (2005). A educação não formal necessita ser muito debatida ainda e a formação inicial e continuada de professores precisa estar mais atenta a este campo de atuação e seus desdobramentos. A partir deste estudo, foi possível compreender que o Centro Educativo Crescer apresenta grande significado na vida dos participantes, em especial, pela relação de cuidado construída entre educadores e participantes e pelas aprendizagens proporcionadas através das inteligências múltiplas desenvolvidas nas oficinas.

Palavras-chaves: Educação Não Formal. Significado. Projeto Social. Grupo de Foco. Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

A Educação é um direito fundamental garantido a toda a população que ao longo dos anos vêm se modificando e apresentando novas interfaces, uma delas é a educação não formal. Como afirma Gohn (2014), “a educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida”, é a educação que acontece em espaços que vão além dos muros da escola com o objetivo de formar as pessoas para a vida em coletividade.

A educação não formal é um tema que necessita ser debatido e estudado pelos (as) pedagogos (as). Uma vez que são eles que cada vez mais têm atuado em projetos sociais, apresentando, assim, uma possibilidade distinta da educação formal que opera como complementar e apresenta campo próprio de atuação e relevância. O tema da pesquisa é estudar o significado de um espaço de educação não formal para os adolescentes. O espaço escolhido foi

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. e-mail: carolinegandolfi.lic.ped@gmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves – Licenciatura em Pedagogia – Docente orientador. e-mail: henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br

o Centro Educativo Crescer (CEC) que está localizado na cidade de Carlos Barbosa e atende 450 crianças e adolescentes com idades de 6 a 16 anos no contraturno escolar.

O tema desta pesquisa é inédito e de interesse dos profissionais da educação de todos os níveis, instituições parceiras, poder público e famílias além de apresentar relevância social. Portanto, assim como o tema tem importância para a academia que estuda e discute a educação não formal em diferentes espaços, o mesmo apresenta grande relevância e significado para autora que foi aluna do projeto e hoje atua como educadora neste espaço.

O objetivo é identificar e compreender qual a contribuição do Centro Educativo Crescer na formação dos adolescentes que participam da turma do último ano do projeto. A metodologia utilizada foi a de uma entrevista semiestruturada por meio de grupo de foco que foi realizada com cinco adolescentes que frequentam o projeto. Esses adolescentes participaram de dois encontros, o primeiro de convite para participação na pesquisa e o segundo, da entrevista semiestruturada, ambos aconteceram em círculo de diálogo, promovendo discussões entre os participantes e complementação de diálogos.

O artigo está dividido em três capítulos que apresenta, inicialmente, uma aproximação conceitual de educação formal, informal e não formal a partir de Simson (2001), Libâneo (2005) e Gohn (2014). No segundo momento, é apresentada a metodologia de pesquisa e a produção de dados por meio do grupo de foco, através de entrevista semiestruturada. No terceiro momento é realizada a discussão de dados com base em referenciais teóricos, como Smole (1999), Nörnberg (2008) e Gohn (2014).

Estamos em meio a pandemia de covid-19, que mudou tudo no mundo. O coronavírus é uma doença viral, até o momento sem vacina e que tem gerado muito medo na população. Neste momento, escolas, lojas e todo o comércio não essencial foi fechado, o isolamento social e o uso de máscaras de proteção já fazem parte do cotidiano das pessoas. No Brasil, já ultrapassamos a marca de 160 mil mortos e a flexibilização das medidas sanitárias de minimização da propagação da doença, são o maior perigo para uma segunda onda de covid-19 no país. É neste tempo, marcado por inúmeras dúvidas e tensões em relação às mudanças decorrentes do coronavírus que o presente artigo foi produzido.

2 INTERFACES DA EDUCAÇÃO E O TERCEIRO SETOR

Neste capítulo serão apresentados os conceitos da educação formal, educação informal e educação não formal e as principais características de cada uma delas. Também será contextualizado a ascensão do neoliberalismo frente aos projetos sociais presentes no terceiro setor.

2.1 Educação Formal, Educação Informal e Educação não formal

Ao longo do tempo, a escola passou a ser considerada como lugar por excelência de educação, mas, como bem sabemos, a educação não acontece somente na escola. Outros espaços como a família, a sociedade e o trabalho também educam. Muito antes da escola ser considerada como espaço primeiro de educação, a educação não formal e a educação informal já estavam postas para a sociedade nas relações cotidianas do trabalho, família e igreja, por exemplo. Logo, o que mudou não foi o conceito de educação e sim sua abrangência, que atualmente engloba a educação não formal, formal e informal as quais serão conceituadas e discutidas neste capítulo.

A educação formal é aquela que acontece nas instituições de ensino em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, com os Parâmetros Curriculares Nacionais e as diretrizes de estados e municípios. Segundo Libâneo (2005, p.31) “A educação formal compreenderia instâncias de formação [...] onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática”. Toda a estrutura escolar é pensada com objetivos a serem atingidos frente ao ensino e aprendizagem ofertados. Na educação formal não existe casualidades, todos os processos têm uma intencionalidade e leis que os orientam.

As leis vigentes no Brasil asseguram que todos os cidadãos têm direito a educação básica formal gratuita e de qualidade com duração dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, conforme artigo 4º LDB 9394/96. A educação formal tem um papel fundamental na sociedade, uma vez que proporciona a formação básica do sujeito como cidadão para a vida em coletividade. Muitas vezes a educação formal, ou seja, a escola, atua para além do ato de ensinar e adentra o campo da educação não formal.

Além da educação formal, se destacam a educação informal e a educação não formal, que conforme Gohn (2008 *apud* Morais 2012, p.26) se diferenciam em,

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar.

Entende-se que a educação informal é aquela que acontece fora da escola, que não é institucionalizada e que se dá ao longo da vida nas relações herdadas ou naturalizadas pela família, igreja ou grupo de amigos/interesse. É a educação que não está sistematizada, organizada, mas tem uma base e intenção, mesmo que não seja explicitada pode acontecer em um diálogo, numa peça teatral ou simplesmente pelo contato visual.

Neste cenário, a educação informal adentra tanto o campo da educação formal quanto o campo da educação não formal, porque está presente na relação, nas atividades cotidianas, em tudo. Segundo, Gohn (2014, p.33), a educação não formal

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais.

Compreende-se então, que a educação não formal tem por objetivo a formação social dos indivíduos para a vida em coletividade, atentando para valores humanos como princípios fundamentais da socialização que se dão a partir do convívio com diferentes sujeitos. Auxilia também nos processos de ensino e aprendizagem por meio do compartilhamento de experiências e como complementar a educação formal. Ocorre normalmente no contraturno escolar valorizando os saberes dos indivíduos, sem organização previamente definida, ou seja, cada entidade tem autonomia de organização, metodologia e planejamento.

A importância da educação formal para a educação não formal é expressa em publicações de Gohn (2014) e de Simson (2001), em que ambos discutem sobre as diferenças entre as abordagens da educação e assemelham a definição de educação não formal. Para Simson (2001, p.9),

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a Educação não formal, embora obedeça também à estrutura e a uma organização distintas das escolas e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja esta a finalidade), diverge ainda da educação

formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Nos espaços de educação não formal não são ministradas aulas como na educação formal e sim, aprendizagens em grupos, oficinas, recreação, brincadeiras, reuniões, entre outros, ocorrendo um trabalho coletivo em que os participantes são autores do seu desenvolvimento. Amplia-se, dessa forma, a concepção de currículo como processo e não apenas como organização de conteúdos, a qual contribui para uma sociedade mais justa e solidária, adquirindo caráter educacional na sua forma de participação.

2.2 Diminuição do Estado e o Terceiro Setor

Com o passar dos anos o Estado tem desassistido a população quanto às demandas sociais, em especial, nas áreas educacionais, culturais e da assistência social, terceirizando, assim, suas obrigações por meio da implementação da Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999, que fundamenta uma maior participação da sociedade civil organizada nas questões sociais. Desta maneira a sociedade está dividida em três setores.

O primeiro setor é composto pelo Estado, de origem pública, que tem por finalidade atender os interesses públicos e coletivos. O segundo setor, abrange o mercado, cujas organizações são de origem privadas e que têm por objetivo o lucro em benefício próprio. Já o terceiro setor, se constitui por um conjunto de instituições como fundações, associações comunitárias, organizações não-governamentais, projetos sociais, entidades filantrópicas e outras que são de iniciativa privada, porém sem fins lucrativos, preocupadas com o bem comum e a vida em coletividade (OLIVEIRA, 2015).

Desta maneira, o terceiro setor pode ser compreendido como o campo de atuação da educação não formal, que se preocupa com as causas sociais a fim de suprir necessidades individuais e coletivas da população e que vem sofrendo com as reduções históricas em investimentos por parte do Estado. Essas diminuições fizeram com que as organizações sem fins lucrativos tivessem que assumir praticamente todas as demandas sociais do país.

Uma vez que as reduções históricas em investimentos por parte do Governo Federal se dão devido à ascensão do modelo econômico neoliberal, que tem por objetivo a redução do Estado frente às questões sociais. Isso faz surgir a necessidade de organização por parte da sociedade civil para atender demandas que inicialmente eram tarefa do Estado e com isso, as

parcelas menos favorecidas ficam cada vez menos assistidas pelas políticas públicas. Segundo Montañó (2002, p.2), dois motivos distintos são apresentados para justificar tais reduções,

Por um lado, a *crise* e a suposta *escassez* de recursos servem de pretexto para justificar a retirada do Estado da sua responsabilidade social e a expansão dos serviços comerciais ou desenvolvidos num suposto “terceiro setor”. Por outro, a recorrente afirmação de que existiria hoje uma “*nova questão social*” tem, implicado, o claro objetivo de justificar um novo trato à “questão social” seria justo pensar na necessidade de uma *nova* forma de intervir nela, supostamente mais adequada às questões atuais. Na verdade, a “*questão social*” - que expressa a contradição capital-trabalho, as lutas de classe, a desigual participação na distribuição de riqueza social - continua inalterada; o que se verifica é o surgimento e alteração, na contemporaneidade, de suas refrações e expressões.

As contradições entre capital e trabalho são ocultadas, pois os recursos existem, mas são aplicados para outros fins e não priorizam as demandas dos menos favorecidos. As transformações sociais acompanham as mudanças nas relações de trabalho e não implicam necessariamente em uma “nova questão social”, pois o que temos na sociedade brasileira atual é uma nova roupagem às questões que já estão dadas há tempos. Segundo Montañó (2002, p.12), é possível observar que tais motivos são:

Fundamentalmente político-ideológico: retirar e esvaziar a dimensão de direito universal do cidadão em relação a políticas sociais (estatais) de qualidade; criar uma cultura de auto culpa pelas mazelas que afetam a população, e de autoajuda e ajuda-mútua para seu enfrentamento; desonerar o capital de tais responsabilidades, criando, por um lado, uma imagem de transferência de responsabilidades e, por outro, criando, a partir da precarização e focalização (não universalização) da ação social estatal e do “terceiro setor”, uma nova e abundante demanda lucrativa para o setor empresarial.

Podemos perceber que o Estado apresenta objetivos claros para a sua minimização. Em especial, a terceirização das suas funções onde são movidas por um sentimento coletivo de auto culpa que faz com que a sociedade se organize em um grande ato de ajuda-mútua e de solidariedade, sem contar a autopromoção do setor empresarial por meio de suas “louváveis” ações assistencialistas para com as mazelas da sociedade.

Neste cenário turbulento e de resistência, os projetos sociais educacionais tem um objetivo a ser atingido, o qual visa provocar mudanças atitudinais³ nos participantes em relação a ação, comportamento e valores. Os projetos sociais na área da educação se caracterizam como educação não formal e vem consolidando valores éticos e humanitários, atuando em contraturno

³ O termo “conteúdos atitudinais” engloba uma série de conteúdos que por sua vez podemos agrupar em valores, atitudes e normas. Aprendeu-se uma atitude quando a pessoa pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem dirige essa atitude. Essas atitudes, no entanto, variam desde disposições basicamente intuitivas, com certo grau de automatismo e escassa reflexão das razões que as justificam, até atitudes fortemente reflexivas, fruto de uma clara consciência dos valores que as regem. (ZABALA, 1998)

escolar muitas vezes como complementar à escola, mas não sendo apenas essa a demanda dos projetos sociais. Gohn (2014, p.32) ressalta que há outras demandas de formação humana presentes na educação não formal,

Podemos localizar a grande área de demandas da educação não formal como a área de formação para a cidadania. Esta área desdobra-se nas seguintes demandas: a) Educação para justiça social. b) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.). c) Educação para liberdade. d) Educação para igualdade. e) Educação para democracia. f) Educação contra discriminação. g) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação.

As demandas aqui apresentadas são de extrema importância para a formação dos sujeitos que atuarão como agentes de mudanças da sua realidade, de sua família e comunidade que participam. A educação não formal não deve reproduzir o modelo escolar da educação formal, é seu dever oferecer à população formação política para a cidadania que não a de massa, mas a de povo que sabe o lugar que ocupa e porque ocupa. Frente a essa realidade, Simson, Gohn, Fernandes (2007, p.14) também ressaltam que

O principal objetivo dessa corrente educativa é a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem.

Tais demandas têm por objetivo a formação dos indivíduos para a vida em coletividade, que vai muito além de um complemento escolar. Entende-se que a formação cidadã é o principal foco da educação não formal e dentro das características das organizações do terceiro setor, as educacionais, apresentam uma preocupação com o bem social e coletivo dos participantes. Além de priorizarem uma formação integral para o exercício da cidadania, que promova mudanças estruturais e sociais na realidade em que estão inseridos.

3 CENTRO EDUCATIVO CRESCER

O Centro Educativo Crescer (CEC) é uma organização da sociedade civil que presta atendimento no contraturno escolar à crianças e adolescentes de seis a dezesseis anos de idade, estudantes do ensino fundamental do município de Carlos Barbosa - RS. Oferece diariamente oficinas diversas, lanche, transporte e serviço psicossocial aos que necessitam. As vagas prioritárias são destinadas aos casos de vulnerabilidade social e/ou econômica. (PLANO DE AÇÃO CENTRO EDUCATIVO CRESCER, 2020)

Segundo o Plano de Ação do Centro Educativo Crescer (2020, p.6)

A missão do CEC é proporcionar um ambiente acolhedor, visando à formação integral das crianças e adolescentes, favorecendo a socialização e buscando o desenvolvimento das habilidades nos aspectos físico, cognitivo, social, artístico e afetivo. Além disso, visa oportunizar ações diárias que possibilitem o fortalecimento de vínculos, reconhecimento e valorização das conquistas.

Ainda conforme o Plano de Ação do Centro Educativo Crescer (2020, p.7) “o Centro tem como visão tornar-se uma Instituição de referência na formação de indivíduos capazes de exercer sua cidadania ou tendo mais proximidade da família e da comunidade”. Para isso, faz-se necessário buscar a ampliação de serviços, objetivando suprir demandas e criando parcerias, possibilitando que as habilidades desenvolvidas possam ter continuidade em outras esferas no futuro, através da construção de uma gestão participativa, com profissionais capacitados, trabalhando em rede e comprometidos com a Instituição.

No Plano de Ação do Centro Educativo Crescer (2020, p.60) consta que “o CEC é administrado por uma associação denominada Sociedade Comunitária do Centro Educativo Crescer. Os membros da associação não são remunerados na sua função e não exercem atividades laborais no Centro Educativo Crescer”. Ele é mantido através de recursos advindos do Contrato de Gestão com a Prefeitura Municipal de Carlos Barbosa, projetos aprovados pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente - COMDICA de Carlos Barbosa, Fundação do Bem, Lei de Incentivo à Cultura⁴, recursos obtidos através da Nota Fiscal Gaúcha e doação das empresas Tramontina, Galvanotek e Cooperativa Santa Clara. (PLANO DE AÇÃO CENTRO EDUCATIVO CRESCER, 2020)

O Centro, além das oficinas, apresentadas abaixo, conta com o Serviço de Atendimento Psicossocial (SAP) em que atuam uma coordenadora pedagógica, uma assistente social, duas psicólogas e uma fonoaudióloga. O Serviço atende crianças e adolescentes encaminhados pela assistência social do município e que frequentam o projeto conforme a necessidade.

No ano de 2020 tem como meta atender quatrocentos e cinquenta crianças e adolescentes que serão divididos em dezoito turmas distintas, de acordo com a faixa etária e ano escolar dos participantes. Este ano serão cinco turmas de Espaço Júnior (1º, 2º e 3º ano) e 13 turmas regulares

⁴ Principal ferramenta de fomento à Cultura do Brasil, a Lei de Incentivo à Cultura contribui para que milhares de projetos culturais aconteçam, todos os anos, em todas as regiões do país. Por meio dela, empresas e pessoas físicas podem patrocinar espetáculos – exposições, shows, livros, museus, galerias e várias outras formas de expressão cultural – e abater o valor total ou parcial do apoio do Imposto de Renda. A Lei também contribui para ampliar o acesso dos cidadãos à Cultura, já que os projetos patrocinados são obrigados a oferecer uma contrapartida social, ou seja, eles têm que distribuir parte dos ingressos gratuitamente e promover ações de formação e capacitação junto às comunidades. Criado em 1991 pela Lei 8.313, o mecanismo do incentivo à cultura é um dos pilares do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que também conta com o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficarts). Saiba mais sobre o Programa em: <http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/>

(do 4º ao 9º ano), ambos do ensino fundamental. (PLANO DE AÇÃO CENTRO EDUCATIVO CRESCER, 2020)

3.1 Organização das Oficinas

As atividades no Centro Educativo Crescer são desenvolvidas prioritariamente por meio de oficinas divididas em regulares e por inscrição. As oficinas regulares são: Espaço Júnior, Conhecimentos Múltiplos, Temas, Educação Física e Recreação. O Espaço Júnior acolhe crianças entre 6 e 9 anos de idade que passam dois períodos (em média) em atividades pedagógicas, um período em atividades recreativas e um período em uma das seguintes oficinas: dança, horta, musicalização, educação física ou artes.

Já as Oficinas de Estudos, Conhecimentos Múltiplos, Educação Física e Recreação são oferecidas diariamente a todas as crianças e adolescentes a partir da turma 1 a 8. A oficina de Estudos acontece em paralelo a oficina de Conhecimentos Múltiplos. Na oficina de Estudos são realizadas tarefas de casa, temas, e atividades individuais. Na oficina de Conhecimentos Múltiplos são realizados estudos em grupos. As oficinas de Educação Física e Recreação também acontecem de forma paralela, sendo a de Recreação voltada para a prática de jogos de tabuleiro, dinâmicas e brincadeiras e a de Educação Física para a prática de esportes e atividades físicas propriamente.

As oficinas por inscrição estão descritas no Quadro 1 juntamente com as habilidades desenvolvidas em cada uma delas.

Quadro 1: Oficinas e habilidades desenvolvidas.

Oficina	Habilidades desenvolvidas
Artes	Visa ampliar e estimular o aprendizado, o interesse, a criatividade e as habilidades manuais, expressando emoções, sentimentos e experiências.
Artesanato	Proporcionar conhecimentos relacionados às variadas técnicas de Artesanato, bem como sua aplicabilidade, individualidade e experimentação de diferentes materiais e resultados.
Atletismo	Desenvolver conteúdos práticos e teóricos sobre o Atletismo.
Banda e Instrumentos	Apresentar os instrumentos musicais e a composição de um conjunto, desenvolver repertório apropriado à faixa etária e despertar o interesse pela música.
Convivência e Valores	Oportunizar vivências e aprendizados na dimensão dos valores humanos, valendo-se das múltiplas linguagens, potencializando o exercício da cidadania. Promover espaço de escuta e acolhimento desenvolvendo vínculos interpessoais.
Cooperativa	Promover o protagonismo, vivenciar ações empreendedoras e cooperativistas, desenvolver aprendizagem e aptidões para o mercado de trabalho.
Coral e	Despertar o interesse pela música, talentos individuais e coletivos, auxiliar no processo de

Musicalização	formação musical, sensorial e afetiva e desenvolver a atenção, concentração, memorização e percepção do ritmo.
Culinária	Oportunizar conhecimentos a cerca de uma boa alimentação e hábitos saudáveis. Desenvolver as noções de peso, quantidade e volume dos alimentos por meio da manipulação e preparo de receitas.
Dança	Visa promover o desenvolvimento da linguagem corporal, ampliar as possibilidades de expressão corporal e estimular a criatividade
Futsal	Desenvolver os fundamentos técnicos da modalidade, compreender posições e suas características, assimilar e entender as principais regras.
Handebol	Desenvolver os fundamentos técnicos da modalidade, compreender posições e suas características, assimilar e entender as principais regras.
Horta	Proporcionar aprendizagens referentes aos processos de semeadura, adubação e colheita. Desenvolver atitudes de cuidado com o meio ambiente e conscientização sobre a alimentação saudável.
Informática	Oportunizar conhecimentos básicos de informática, fazer uso da internet como um meio de socialização e pesquisa, alertando sobre os perigos da web. Proporcionar a construção de novos saberes através de jogos virtuais.
Jazz	Oportunizar às crianças e adolescentes um espaço para a experimentação desse estilo de dança, estimulando novas formas de expressão corporal.
Língua Espanhola	Proporcionar o estudo da língua espanhola como uso da linguagem e dos recursos linguísticos (fonética, fonologia, morfologia, semântica e sintaxe) enfatizando, língua falada, audição, leitura, escrita e interpretação.
Língua Inglesa	Proporcionar o estudo da língua inglesa como uso da linguagem e dos recursos linguísticos. Enfatizando a língua falada, audição, leitura, escrita e interpretação.
Mídias e Comunicação	Desenvolver e instigar o interesse pelo mundo jornalístico. Além de despertar habilidades referentes à produção de conteúdo, difusão de rádio, escrita adequada, postura de entrevistador e utilização das mídias sociais da instituição.
Pesquisa	Possibilitar aos participantes a entrada no mundo da pesquisa científica, articulando teoria e prática, exercendo função de promoção da saúde prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas.
Taekwondo	Desenvolver habilidades e regras da modalidade, aprendizagens cognitivas e motoras, capacidade atlética dos participantes, autodisciplina, concentração e atenção.
Teatro	Desenvolver potencialidades artístico-criativas. Trabalhar a coordenação motora, atenção e o conhecimento de si e do outro favorecendo a integração.
Tecnologias Digitais	Oportunizar a aquisição de conhecimentos sobre os programas avançados de gravação e edição de vídeos.

Fonte: elaborada pela autora.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS COM O GRUPO DE FOCO

Para este estudo optou-se pela pesquisa qualitativa com a metodologia do grupo de foco. Os grupos de foco são caracterizados como uma entrevista com um pequeno grupo de pessoas sobre um tema específico, normalmente o grupo é formado com cinco a oito participantes e tem

por objetivo valorizar as discussões e complementações de fala dos participantes, buscando assim, ficar o mais próximo possível do cotidiano do espaço estudado considerando de fato os discursos por meio da interação. Essa metodologia de pesquisa é teorizada por Morgan (1988 *apud* Flick 2004) e Merton (1987 *apud* Flick 2004).

O grupo de foco foi realizado com cinco participantes com idades entre 13 e 14 anos, sendo dois meninos e três meninas, que frequentam o Centro Educativo Crescer em seu último ano, estando matriculados no 9º ano do ensino fundamental. Os participantes da pesquisa serão nomeados como Participante A, Participante B, Participante C, Participante D e Participante E, para que não haja reconhecimento dos mesmos.

O encontro do grupo teve a duração de uma hora e trinta minutos e foi realizado nas dependências Centro Educativo Crescer, em uma sala reservada para tal. Neste período se construiu uma roda de conversa norteada pelas seguintes perguntas: Por que vocês frequentam o CEC?, Qual o significado do CEC na vida de vocês?, Como o CEC contribui para o desenvolvimento de vocês?, No que frequentar o CEC pode te ajudar no futuro? e Qual a contribuição dos educadores do CEC na sua formação?. O grupo de foco com os adolescentes proporcionou uma conversa divertida e descontraída que culminou em uma produção de dados significativos para a pesquisa.

Posterior à produção dos dados, foi realizada a categorização dos dados obtidos por meio de uma análise do discurso dos adolescentes, que segundo Orlandi (2013) consiste em

Compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.

A análise do discurso teve por objetivo dar significado a fala dos participantes, sendo entendido como processo para conhecer e dar sentido ao CEC. A partir disso, foram elencadas três categorias: aprendizagem, cuidado e inteligências múltiplas na educação não formal que proporcionam a discussão do material produzido com o grupo de foco. As categorias escolhidas foram subdivididas em três subcapítulos que discutem o ato de aprender na educação não formal o cuidado e o papel dos educadores e as inteligências múltiplas frente ao desenvolvimento para o futuro.

4.1 Aprender em um Espaço de Educação não formal

Os espaços em que aprendemos são diversos e muitas vezes não tem nenhuma

formalidade como na escola. Aprendemos muito na e com a escola, mas também aprendemos fora dela, em espaços de educação não formal. Gohn (2014, p.40) afirma que “a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’”. A partir disso, é importante ressaltar que a aprendizagem em um espaço de educação não formal ultrapassa os limites escolares, pois aprende-se a partir de outra lógica que não a de aquisição de conteúdos somente.

No caso da entidade estudada, a aprendizagem acontece em diversos contextos como: nas relações estabelecidas entre os participantes, nas oficinas, nas brincadeiras, no intervalo, durante o lanche, entre outros. Muitas vezes a aprendizagem acontece sem que seja nomeada ou apresentada em um documento, acontece na relação, na conversa e na participação coletiva. Neste contexto, quando os participantes foram questionados sobre a aprendizagem no CEC citaram principalmente as oficinas regulares e por inscrição como espaço primeiro de aprendizagem. Na análise do material obtido com o grupo de foco, foi possível constatar que a palavra “aprender”, e suas conjugações, foi utilizada pelos adolescentes em um total de 25 vezes, sendo que a mesma, apareceu ao menos uma vez na fala de cada adolescente.

Quando questionados sobre o significado do Centro Educativo Crescer em suas vidas, todos os adolescentes citaram o fato de “aprenderem coisas novas”. Como relata o Participante E, o CEC “...é um espaço de aprendizado, onde aprendo a gostar de coisas novas como o Artesanato, que é uma coisa que eu nem sabia que existia e eu gosto bastante de participar”, já o Participante C ressalta que “significa novos conhecimentos, pois tudo que aprendo aqui não tenho oportunidade de aprender em outro lugar”. Percebe-se a partir destes relatos “uma perspectiva de aprendizagem como sendo um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes e certas habilidades que não se limitam ao adiestramento de procedimentos contidos em normas instrucionais” (GOHN, 2014, p.39).

Diferentemente da educação formal que se baseia em um currículo e na formação básica dos indivíduos, a educação não formal tem campo próprio de atuação que valoriza a transmissão de conhecimentos de diferentes formas, preconizando pela formação humana do cidadão para a vida em coletividade. Proporcionar novas aprendizagens é papel fundamental da educação formal, mas que também perpassa o campo da educação não formal, uma vez que são proporcionados espaços de aprendizagem diferentes daqueles que a escola oferece.

O Centro Educativo Crescer oferece como espaço primeiro, mas não único, de aprendizagem, as oficinas que tem por objetivo promover aprendizagens específicas e relacionadas à vida cotidiana dos participantes como são os casos das oficinas de horta, culinária,

instrumentos, banda, dança, teatro, entre outras. Nestas oficinas são ofertadas atividades diversas por meio de rodas de conversas, dinâmicas, experiências, brincadeiras com temas norteadores, práticas e outras que priorizem a formação integral dos sujeitos como agentes do seu processo de aprender e ensinar uns com os outros.

Aprender no espaço de educação não formal não está restrito aos participantes, também é parte do cotidiano dos educadores. Segundo Freire (1996, p.12) “não há docência sem discência, não há ensino sem aprendizado, tanto aluno quanto o professor, estão em aprendizado, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, logo aprender na educação não formal vai muito além de códigos, números e letras é um processo dinâmico e contínuo.

Neste contexto, tanto o educador quanto os participantes aprendem uns com os outros, pois aprende-se primeiro a conviver em grupo e a reconhecer novas metodologias como a prática de instrumentos, debates em círculo de diálogo, práticas de colheita e plantio na oficina de horta, grupo de líderes, entre outras práticas de ensino, onde é possível a partir do significado aprender com o outro, aprender coisas novas, aprender a reconhecer-se e tornar-se parte fundamental do processo. Aprender no CEC, pode ser compreendido como um processo diverso e dinâmico, repleto de possibilidades que dependem da disponibilidade e do interesse dos participantes em aprender e também no modo em que os educadores se dispõem a fazer parte deste processo, estando junto e tornando o aprendizado uma via de mão dupla.

4.2 O Cuidado e o Papel dos Educadores

O cuidado é parte fundamental da inter-relação entre educadores e participantes de um espaço de educação não formal, uma vez que a educação não formal apresenta caráter social voltado ao cuidado básico para com a vulnerabilidade social, afetiva e intelectual. Cuidar transcende o ato de dar aula, é intrínseco a todo o fazer de uma instituição, como é o caso do CEC, logo,

[...] as ações de Cuidado aparecem como propulsoras para a constituição do ser-no-mundo-com-os-outros (coletividade) através da Instituição, que se constitui, por excelência, em lócus de Cuidado, tanto no sentido das suas ações concretas quanto no das suas políticas. Com esse entendimento, é próprio do compromisso público-jurídico da proteção e do caráter ético-estético-político do processo sociocultural atribuir à Instituição uma virtude de Cuidado mediante ações de educação que se desdobram na instrução, no ensinar, no educar, no ato inteiro do cuidar. (NÖRNBERG, 2008, p.104)

O cuidado pode ser entendido de diversas formas, pois o mesmo permeia o campo da educação não formal de maneiras distintas. No caso deste estudo, analisamos o cuidado pelo viés

da ação dos educadores, que pode ser entendido como ato educativo de cuidar do outro, mas não se entende aqui o cuidar como um simples ato de observação e sim como uma atitude que permeia todo o fazer docente do CEC, como afirma Boff (2012, p.12) “cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.

Neste contexto, o cuidado pode ser compreendido como o conjunto de pequenos atos que culminam na atitude de cuidar. A partir da análise dos relatos dos participantes, percebe-se que o termo “ajuda” e suas conjugações, aparecem num total de 6 vezes, sempre fazendo referência aos educadores e a instituição. O Participante E relata que *“ela (educadora) me dá muitos conselhos, eu conto os meus segredos para ela e ela sempre me ajuda com as minhas coisas”* e o Participante A complementa referindo-se a outra educadora *“eu tinha muitos problemas com a minha mãe e ela me ajudou muito com isso, a compreender esse problema”*.

Em ambos os relatos e no decorrer da pesquisa os participantes mencionaram os educadores como amigos e conselheiros, ou seja, o papel dos educadores neste espaço de educação não formal foi além do vínculo educativo como normalmente acontece. A relação entre os educadores e os adolescentes se tornou mais próxima e significativa, uma vez que, os participantes estabeleceram vínculos afetivos com os educadores e o Centro Educativo Crescer como já citado anteriormente. Destaca-se que o espaço de educação não formal vai além do ato de ensinar de maneira tradicional como na escola, outros valores como o do cuidado e do acolhimento se tornam fundamentais.

Como ressalta Nörnberg (2008, p.124), “dispor-se ao movimento de acolher existências, frágeis e inteiras, alegres e tristes, é o desafio que se abre ao ser docente na atualidade [...] hoje é a força da afetividade que aparece como elemento mobilizador”. Logo o espaço de educação não formal é espaço primeiro de acolhimento e cuidado. Como educadores, entende-se que a primeira preocupação esteja alinhada com os anseios de nosso público alvo, os adolescentes. Algumas vezes, a relação adolescente-educador, leva a determinados níveis de relacionamento, tais como: amigos, conselheiros, pai e mãe. Contudo, atenta-se para a linha tênue que existe entre ser o educador e o amigo ao mesmo tempo, é necessário também construir limites por meio do diálogo e da responsabilidade de cada um, ser afetivo e acolhedor, mas jamais assumir um papel que não seja de acolher e educar. Sobre o papel do educador social Simson, Gohn, Fernandes (2007, p.14) ressaltam que

O educador não formal tem um papel de animador do grupo: ele deve despertar os participantes para o contexto em que vivem, o processo de formação histórica e cultural de sua comunidade e o processo de constituição de si mesmos, desafiando-os a investigar mais a fundo a própria realidade - tanto social como individual.

Pode-se afirmar que o papel do educador é de transformação dos sujeitos e também de reflexão sobre a realidade social e individual que estão inseridos. Na educação não formal, o diálogo é o principal instrumento de trabalho do educador social, a partir do diálogo é que acontecem as transformações como afirma a Participante A: *“uma professora em especial, em uma conversa transformou a minha vida [...]. Ela fez com que eu mudasse totalmente o meu pensamento (sobre o aborto) e isso eu levo para minha vida”*. A partir deste relato pode-se perceber que o diálogo somado ao estudo de fundamentos teóricos e a prática de atividades, proporcionam uma aprendizagem significativa baseada na realidade dos participantes. (SIMSON, GOHN, FERNANDES, 2007).

Para além do papel dos educadores, é importante ressaltar que não somente os educadores têm papel fundamental frente ao cuidado na instituição, mas todos aqueles que têm contato com as crianças e adolescentes apresentam significado. Durante o grupo de foco a assistente social foi citada na fala do Participante B como *“uma boa ouvinte que sempre está disposta a ajudar”*. Outro elemento fundamental que faz com que os participantes gostem e estejam no projeto são as amizades, quando questionados sobre o porquê frequentavam o CEC dois motivos foram apresentados sendo o primeiro os amigos e o segundo às oficinas por inscrição.

Neste cenário, compreende-se que no Centro Educativo Crescer são estabelecidas relações de cuidado diariamente como relatam os participantes do estudo. Essas relações de cuidado são permeadas pelo diálogo e pelo vínculo estabelecido entre educadores e participantes do projeto. A partir dos relatos, conclui-se que os educadores têm um papel muito significativo na formação dos adolescentes, exercendo papéis distintos em suas vidas, conforme as necessidades de cada um, tornando assim sua passagem pela instituição mais prazerosa, acolhedora e memorável. São os participantes e os educadores a força motriz deste espaço, que promovem pela relação desenvolvida um espaço de cuidado mútuo.

4.3 Inteligências Múltiplas como propulsoras do desenvolvimento para o futuro

A educação não formal em sua totalidade pode ser compreendida como uma educação que fornece habilidades para toda a vida, não habilidades associadas a competências ou a conteúdo aprendido, mas habilidades no sentido de formação humana e intelectual para a vida em coletividade. Quando pensamos acerca de habilidades, logo chegamos na questão de

“habilidades necessárias para o aprendizado”, contudo quando as habilidades são interligadas ao ambiente não formal o contexto muda e a forma de pensá-las também. Segundo Smole (1999, p.8),

Gardner baseou sua teoria em muitas idéias diferentes, mas a principal delas sustenta que as pessoas manifestam as mais distintas habilidades - para compor uma música, construir um computador ou uma ponte, organizar uma campanha política, produzir um quadro, além de muitas outras -, e que todas essas atividades requerem algum tipo de inteligência, mas não necessariamente o mesmo tipo de inteligência.

As pessoas manifestam as inteligências múltiplas através das várias habilidades que mudam e se destacam de pessoa para pessoa. O mesmo acontece com as oficinas do Centro Educativo Crescer, as quais já foram apresentadas anteriormente no Quadro 1, onde cada uma delas desenvolve conhecimentos específicos, mas que juntas proporcionam o desenvolvimento das inteligências múltiplas que se manifestam nas crianças e adolescentes, por exemplo, em uma apresentação anual. Onde tudo aquilo que foi aprendido durante o ano nas diversas oficinas pode ser visto junto no Espetáculo Anual do CEC, uma apresentação que é organizada pelas Oficinas de Teatro, Banda, Dança e Coral/Musicalização, as quais são custeadas com recursos da Lei de Incentivo à Cultura. (PLANO DE AÇÃO CENTRO EDUCATIVO CRESCER, 2020)

Neste contexto, o desenvolvimento de habilidades para o futuro dos participantes em especial, para o mundo do trabalho é um tema que está constantemente ligado a prática dos educadores e que já foi internalizado pelos participantes, como afirma o participante A,

As oficinas contribuem para várias coisas, por exemplo, no Jornalismo eu aprendi muita coisa além de reportagem, entrevista e ser jornalista. Eu aprendi como falar em público, ter postura, usar as palavras corretamente ao invés de gírias e abreviações. Essa oficina me ajudou muito e eu sei que essas coisas todas vão ser úteis na faculdade, por exemplo.

A partir do relato é possível perceber a preocupação do participante com a inserção na faculdade e as habilidades necessárias para este espaço uma vez que, as habilidades da Oficina de Jornalismo se caracterizam em inteligência linguística e interpessoal, mas não são estas as únicas inteligências a serem desenvolvida. Ainda neste sentido, durante o grupo de foco, os participantes citaram as oficinas e o que aprenderam ou aprendem nelas, obviamente, cada um citou aquilo que é mais importante para si, como afirma o Participante D, “faço parte da orquestra municipal o que pra mim é muito importante, pra mim o CEC contribui no meu desenvolvimento de novas habilidades como a música que eu nunca imaginei gostar”, em sua

fala o participante dá destaque à inteligência musical que se manifesta por meio da sua participação na Orquestra Municipal e em oficinas que desenvolvem principalmente habilidades musicais.

Estes dois relatos possibilitam uma reflexão acerca das múltiplas inteligências, as quais se destacam a inteligência musical, a interpessoal e a linguística, mas como afirma Gardner (*apud* Smole 1999, p.13) “Uma inteligência nunca se manifesta isolada, no comportamento humano. Cada tarefa, ou cada função, envolve uma combinação de inteligências”. Assim como nas oficinas desenvolvidas no CEC, as quais são a soma de várias inteligências que proporcionam a formação integral dos sujeitos.

Mesmo que algumas oficinas desenvolvam inteligências mais específicas, o que enriquece o trabalho desenvolvido no CEC é a congregação das inteligências e habilidades nas diversas oficinas que são oferecidas aos participantes diariamente. Além disso, nota-se a partir da pesquisa que existe um consenso entre os participantes entrevistados que o CEC contribui para o seu desenvolvimento futuro e para o desenvolvimento de novas habilidades de várias maneiras, mas a principal delas que foi citada majoritariamente é a participação nas oficinas por inscrições que vão de encontro aos interesses e gostos pessoais de cada um. Destaca-se aqui, que as escolhas das oficinas, demonstram anseios por parte dos adolescentes em conhecer ou experimentar algo que consideram importante para a sua formação ou que podem vir a contribuir para o trabalho que almejam ter no futuro, tornando assim a aprendizagem significativa e proveitosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação não formal se apresenta como um importante espaço tempo de formação humana coletiva e individual que tem campo próprio de atuação e que ao longo dos anos vem ganhando espaço lado a lado com a educação formal. Em projetos sociais educacionais em especial, no que tange a dimensão de contraturno escolar é que a educação não formal vem se consolidando e projetando um vasto campo de atuação dos pedagogos.

No decorrer das análises das categorias emergentes do grupo de foco foi possível compreender que o Centro Educativo Crescer apresenta grande significado na vida dos participantes, em especial, pela relação de cuidado construída entre educadores e participantes e pelas aprendizagens proporcionadas através das inteligências múltiplas desenvolvidas nas

oficinas. Além disso, é importante ressaltar que os participantes da pesquisa atribuíram significado ao espaço de educação não formal no que diz respeito à estruturação e metodologias de ensino adotadas nas oficinas.

Em termos de educação, o espaço de educação não formal proporciona aprendizagens para a cidadania e vida em coletividade, além de contribuir na formação e no desenvolvimento dos indivíduos frente à formação para o mundo do trabalho. Entretanto, o estudo sobre este campo de atuação do pedagogo não se esgota aqui, é necessário aprofundar a reflexão sobre alguns pontos que foram apresentados. Um destes pontos diz respeito ao papel do educador social neste contexto, que precisa ir além do ouvinte e amigo para o papel de agente de transformação social da realidade dos indivíduos no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem.

A quebra do paradigma da formação para o mercado de trabalho é necessária e urgente. Por isso, é importante que sejam debatidas e tensionadas as dimensões do contraturno escolar como formação de mão de obra para o mercado de trabalho que não é objetivo primeiro da educação não formal, mas que está intrínseco no fazer docente e nas habilidades desenvolvidas em algumas práticas. Por mais que essa formação seja importante e que os participantes atribuem significado a ela, é necessário que as oficinas e práticas do espaço de educação não formal promovam transformação social e da realidade e não apenas manutenção da mão de obra do trabalho.

A educação não formal necessita ser muito debatida ainda e a formação inicial e continuada de professores precisa estar mais atenta a este campo de atuação e seus desdobramentos. O pedagogo atua neste espaço como educador social sendo a educação não formal um campo muito distinto do que o da escola. A prática é outra e as competências necessárias para esta atuação também se apresentam de outra forma, que precisam ser discutidas por quem atua neste espaço e por estudiosos da área da educação não formal se apresentando como um campo de estudo para o futuro.

Neste sentido, os desafios da educação não formal para o futuro que se apresentam são o de reafirmar, compreender, estudar e debater o papel do educador social para os participantes, papel este, que é diferente do professor da escola e dos membros da família além de viabilizar espaços de formação individual e coletiva que vão além da formação para o mercado de trabalho no campo da educação não formal. A transformação da realidade precisa ser o norte da educação não formal.

REFERÊNCIAS

CENTRO EDUCATIVO CRESCER. **Plano de Ação**. 2020.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do ser humano - compaixão pela terra**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOHN. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação - IIª Série**, Número 1, 2014.

Lei de Incentivo à Cultura. **Secretaria Especial da Cultura**. 2020. Disponível em: <<http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/>> Acesso em: 03 de dez. de 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê**. São Paulo: Cortez, 2005.

MONTAÑO, Carlos Eduardo. **O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”**. Revista Lutas Sociais, n.8, 2002.

MORAIS, Paula Renata Bassan. **Educação não formal: um olhar sobre uma experiência em Campinas- SP**. Dissertação (Mestrado). UNINOVE - São Paulo, 2012.

NÖRNBERG, Marta. **Palpitações indizíveis: o lugar do cuidado na formação de professores. Tese (doutorado)**. UFRGS - Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Rafael Carvalho Rezende. **Administração pública, concessões e terceiro setor**. São Paulo: Editora Método, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). **Educação não formal: cenários de criação**. Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. GOHN, Maria da Glória. FERNANDES, Renata Sieiro. **Não-fronteiras: universos da educação não-formal**. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas inteligências na Prática Escolar**. Cadernos da TV Escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância - Brasília, 1999.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.